

## O DIREITO À DIVERSIDADE

Constantemente nos deparamos com descrições do Brasil exaltando sua diversidade cultural. Há um orgulho nacional de pertencer a um país com dimensões continentais, com cerca de 190 milhões de habitantes, comunicando-se na mesma língua nos sotaques característicos de cada estado misturados aos sons estrangeiros. Um país de metrópoles, cidades medianas e áreas rurais emolduradas pelo céu azul anil e por extensa faixa litorânea, por onde caminham homens e mulheres de variadas idades e diferentes tons de pele. Esta seria a apresentação do **“BRASIL BRASILEIRO, TERRA DE SAMBA E PANDEIRO”**, o “país tropical, bonito por natureza”. Na década de 1940, *Aquarela do Brasil*, de Ari Barroso, soou um tanto **ufanista**, ainda que em tempo tenham sido reconhecidos os méritos da música que virou um dos cartões de apresentação do Brasil no exterior. Não se pretende fazer aqui uma análise destas letras, mas utilizá-las como recurso para problematizar a exaltação da diversidade cultural brasileira em detrimento da diversidade humana e da crítica às desigualdades.

Para problematizar a exaltação da diversidade cultural brasileira em detrimento da diversidade humana e da crítica às desigualdades.

### “BRASIL BRASILEIRO, TERRA DE SAMBA E PANDEIRO”

As letras das músicas estão disponíveis na Internet:

*Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso – <http://letras.terra.com.br/elis-regina/45686/>

*Aquarela do Brasil* exalta as qualidades e a grandiosidade do Brasil e marca o início do movimento conhecido como samba-exaltação. Por ser de natureza ufanista, o movimento foi visto como favorável à ditadura de Getúlio Vargas, o que gerou críticas a Barroso e à sua obra. No entanto, a família do compositor lembra que ele escreveu a letra de Salada Mista, com conteúdo crítico ao nazismo e ao fascismo, regimes apoiados por Vargas. Barroso teve que defender diante dos censores do Departamento de Imprensa e Propaganda o verso “terra do samba e do pandeiro”, considerado depreciativo para o Brasil.

Veja e ouça, também:

*Aquarela Brasileira*, de Silas de Oliveira

<http://letras.terra.com.br/silas-de-oliveira/762910/>

*País Tropical*, de Jorge Bem Jor e Wilson Simonal

<http://letras.terra.com.br/jorge-ben-jor/46647/>

Se, por um lado, o território brasileiro é rico em diversidade humana (cerca de 200 povos indígenas, mais de 2.200 comunidades quilombolas, 97,5 milhões de mulheres, 93,5 milhões de pessoas negras<sup>1</sup>), por outro, somos campeões/ãs em desigualdades. Dados coletados em pesquisas oficiais apontam a ausência de paridade participativa entre diversos grupos. Só para citar alguns exemplos:

- Dentre os 10% dos/as brasileiros/as mais pobres, 70,6% são negros/as;
- Em setembro de 2009, um/a trabalhador/a branco/a ganhou em média 90,7% a mais que os/as trabalhadores/as negros/as;
- 36,3% dos/as pessoas/as negras que cursam o Ensino Fundamental têm mais de 18 anos, o que revela uma trajetória escolar acidentada. Para brancos/as, esta proporção é de 6,1%;
- É verdade que o trabalho doméstico se apresenta como importante ocupação para as mulheres (93,6%), no entanto, este resultado expõe a precariedade deste tipo de ofício. Em 2008, apenas 25,8% das trabalhadoras domésticas tinham carteira assinada, contra 41,4% dos homens em mesma função. Vale destacar que esta é a área onde se concentra a maioria da população negra;

Uma análise de dados mais consistente será feita nos Módulos 2 e 3 no estudo das relações entre desigualdade e estratificação social, nos quais serão analisados os efeitos perversos desta combinação para as mulheres brancas e negras, efeitos estes observados na desigualdade de oportunidades e de resultados. A função dos dados neste texto é inferir que:

1. a diversidade implica incluir-se. Não há "o/a diverso/a", "o/a diferente". "Diversos somos todos" (Bulgarelli, 2008) e nos conhecemos, nos definimos, construímos nossas identidades na relação com o/a outro/a;
2. não se trata de elaborar um ranking das desigualdades, porém, evidencia-se que a discriminação das mulheres se intensifica com o **racismo**, que age de forma combinada no dia-a-dia das mulheres negras, ampliando de forma severa, para estas, os efeitos das discriminações;
3. a valorização de uns e a desvalorização de outros grupos sociais são construídas historicamente, não são naturais, portanto, podem ser desconstruídas.

O olhar exótico para a diversidade e o ofuscamento das desigualdades produzem distorções, como a de acreditar que a cidadania possa ser garantida pela exclusiva valorização das expressões culturais.

1. Dados demográficos da PNAD 2008.

O olhar exótico para a diversidade e o ofuscamento das desigualdades produzem distorções, como a de acreditar que a cidadania possa ser garantida pela exclusiva valorização das expressões culturais. Nas palavras de Iradj Egrare,

*a promoção da cidadania dos afro-descendentes extrapola qualquer valorização restrita ao campo da cultura, permeando os campos da segurança pública, prevenção e superação da violência, acesso a serviços de educação, saúde, lazer, esporte, transporte, moradia, dentre outros (Egrare, 2006: 3).*

O que ocorre no Brasil e em outros países é observado por Nancy Fraser como a mais recente tensão entre os dois campos da política progressista:

*De um lado, encontram-se os proponentes da "redistribuição". Apoiando-se em antigas tradições de organizações igualitárias, trabalhistas e socialistas, atores políticos alinhados a essa orientação buscam uma alocação mais justa de recursos e bens. No outro lado, estão os proponentes do "reconhecimento". Apoiando-se em novas visões de uma sociedade "amigável às diferenças", eles procuram um mundo em que a assimilação às normas da maioria ou da cultura dominante não é mais o preço do respeito igualitário. Membros do primeiro campo esperam redistribuir a riqueza dos ricos para os pobres, do Norte para o Sul, e dos proprietários para os trabalhadores. Membros do segundo, ao contrário, buscam o reconhecimento das distintas perspectivas das minorias étnicas, "raciais" e sexuais, bem como a diferença de gênero. Nesses casos, realmente estamos diante de uma escolha: redistribuição ou reconhecimento? Política de classe ou política de identidade? Multiculturalismo ou igualdade social? (Fraser, 2007: 113-140).*

“Justiça, hoje, requer tanto redistribuição quanto reconhecimento; nenhum deles, sozinho, é suficiente”.  
(Nancy Fraser)

Conclui a autora que estas contraposições são falsas: “Justiça, hoje, requer tanto redistribuição quanto reconhecimento; nenhum deles, sozinho, é suficiente”. (Fraser, 2007: 113-140). Ela coloca o desafio:

*A partir do momento em que se adota essa tese, entretanto, a questão de como combiná-los torna-se urgente. Sustento que os aspectos emancipatórios das duas problemáticas precisam ser integrados em um modelo abrangente e singular. A tarefa, em parte, é elaborar um conceito amplo de justiça que consiga acomodar tanto as reivindicações defensáveis de igualdade social quanto as reivindicações defensáveis de reconhecimento da diferença (Fraser, 2007: 113-140).*

A tarefa, em parte, é elaborar um conceito amplo de justiça que consiga acomodar tanto as reivindicações defensáveis de igualdade social quanto as reivindicações defensáveis de reconhecimento da diferença

Acrescentemos à tarefa de elaboração conceitual a de definição de um marco legal e de políticas públicas que deem conta de realizar a propalada e desejada igualdade de direitos.

## GLOSSÁRIO

**Racismo** – É uma doutrina que já teve estatuto de teoria científica, mas que, mesmo tendo sido amplamente contestada pela ciência contemporânea, continuou vigorando como senso comum. Uma das características do racismo é justamente ser uma doutrina, ou seja, um tipo de conhecimento que se mantém pela repetição, ignorância e preconceito, mas que guarda pretensões de se apresentar como conhecimento objetivo, supostamente sustentado na natureza das coisas.

**Ufanismo** – atitude ou sentimento exorbitante de orgulho do país em que se nasceu. Adjetivo ufanista, in Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa. No regime militar instaurado no Brasil em 1964, a propaganda ufanista foi usada como estratégia para esconder os problemas do regime militar e convencer a população brasileira de que havia um clima de otimismo em todas as áreas. O lema era “Brasil – ame-o ou deixe-o”.